

## **Educação ambiental por meio de diálogos de saberes: contribuição de comunidades de populações locais para refletir sobre a conservação ambiental em área costeira**

Fernanda Vera Cruz Silva-Meneses

Márcia Cristina Pinheiro Nascimento

Angélica dos Santos da Paixão

### **RESUMO**

O presente artigo tem por objetivo propor a reunião de diferentes contribuições dos atores de comunidades tradicionais pesqueiras e distintas, para dialogar a conservação ambiental em áreas costeiras. A coleta de dados é uma compilação de produtos bibliográficos, oriundos de pesquisas desenvolvidas pelas próprias autoras nas comunidades com a tradição da pesca – Mutá, Arembepe e Ilha do Paty, todas localizadas no estado da Bahia. Os dados foram analisados qualitativamente de maneira a responder o objetivo. Destacam-se a percepção ambiental, o etnoconhecimento e a cultura, como elementos distintos e relevantes para ações que favoreçam o diálogo sobre a conservação da natureza em espaços formais e não formais principalmente, naqueles espaços inseridos em ecossistema de manguezal e restinga. A contribuição distinta e singular de cada comunidade observada reitera o aporte que populações tradicionais, através de suas atividades cotidianas, podem disseminar a respeito de percepções, saberes e cultura em favor da salvaguarda da natureza. São diálogos significativos para a conservação de ambientes naturais, por meio da inserção de processos sistematizados de educação ambiental nas escolas e grupos sociais locais, a partir das bases empíricas da relação homem-natureza das populações tradicionais.

**Palavras-chave:** Conhecimento tradicional. Ambiente. Percepção ambiental.

### **1. INTRODUÇÃO**

O ambiente marinho e costeiro tem a preferência para ocupação antrópica. As interações das populações humanas sobre os ecossistemas de manguezal, de restinga, de praias e de recifes de corais acontecem sobre diferentes formas (diretas e indiretas) e imprimiu a essas áreas, significativa descaracterização ecológica. (CORREIA; SOVIERZOSKI, 2005; PAIXÃO, 2018;).

Questões de ordem ambiental constituem um problema complexo (SILVA-MENESES, 2018). Para contornar a complexidade ambiental tem-se no diálogo de

saberes na busca da solidariedade e complementaridade do conhecimento científico associado aos saberes de comunidades tradicionais (LEFF, 2000).

Diegues (2004, p. 87) conceitua comunidades tradicionais como “populações que mantêm uma relação direta com o ambiente natural”. Nesse sentido, para a conservação da natureza, os conhecimentos tradicionais são importantes. Faz-se necessário reconhecer e valorizar as tradições de comunidades locais, a fim de pensar e evoluir para uma sociedade sustentável e para a conservação da natureza (ANDREOLI, 2009).

O convívio diário e a dependência dos recursos naturais, característica dessas populações tradicionais e seus habitantes, a partir do elo de aproximação e cooperação entre o ser humano com o meio natural. Tal modo de vida denotam ações e práticas como o conhecimento sobre medicina tradicional, conhecimento especializado sobre o hábito alimentar da fauna, percepções ambientais, crenças, cultura, práticas conservacionistas dentre outros, como elementos relevantes para a conservação da biodiversidade (DIEGUES, 2004).

O presente artigo tem por objetivo propor a reunião de diferentes contribuições dos atores de comunidades tradicionais pesqueiras e distintas, para dialogar a conservação ambiental em áreas costeiras.

## **2. MATERIAL E MÉTODOS**

O presente estudo foi realizado em três comunidades de pescadores artesanais, localizadas em ambiente marinho costeiro no estado da Bahia. O distrito de Mutá, pertence ao município de Jaguaripe. Faz parte da APA da Baía de Todos os Santos, cujo ecossistema se caracteriza predominantemente como manguezal, fato que lhe atribuiu o título de Pantanal Baiano (SANTOS, 2016) Arembepe é um distrito de Vilas de Abrantes, município de Camaçari (BA). Apresenta segundo dados do INEMA (2019), ambientes ao longo da faixa litorânea onde se destacam os rios Capivara Grande, Capivara Pequeno, bem como brejos, ecossistema de restinga e manguezal associados a áreas estuarinas, inserida na APA Rio Capivara. E a Ilha do Paty, é uma das quatro ilhas localizadas no município de São Francisco do Conde (BA), a qual possui uma extensão territorial de cerca de seis mil metros

quadrados, dos quais mais de dois terços estão recobertos por Mata Atlântica primária, na área central, e, em todo seu litoral, composto por manguezais. (PAIXÃO; MARCHI; SANTOS, 2017).

A coleta de dados deu-se através da investigação dos produtos bibliográficos, com o recorte de três dados distintos, fruto da pesquisa realizada pelos próprios autores, que ocorreram no ano de 2017. As pesquisas foram submetidas ao CEP - Conselho de Ética e Pesquisa - da Universidade Católica do Salvador, obtendo aprovação. Os dados obtidos foram levantados da seguinte forma: 1. Realizou-se grupo focal 15 com adolescentes participantes da Associação de Moradores de Mutá (NASCIMENTO, 2018); 2. Aplicação de entrevista semiestruturada com trinta e um pescadores e marisqueiras vinculados à colônia de pesca Z-14, maiores de quarenta anos e moradores de Arembepe (SILVA-MENESES, 2018); 3. Realização de entrevista semiestruturada com as trinta marisqueiras participantes de um grupo cultural da Ilha do Paty (PAIXÃO, 2018). Os dados foram analisados qualitativamente.

### **3. RESULTADOS E DISCUSSÕES**

Apresenta-se como resultado da análise realizada, a percepção ambiental de adolescentes inseridos no ecossistema de manguezal, o etnoconhecimento, oriundo dos pescadores e marisqueiras do ambiente marinho costeiro de Arembepe e a cultura presente na tradição da pesca na comunidade da Ilha do Paty, passada de geração em geração pelas marisqueiras da ilha. São, portanto, elementos distintos de cada contexto, relevantes para dialogar a conservação da natureza.

Os participantes do grupo focal, os adolescentes da Associação de Moradores de Mutá, expuseram sentimentos e olhares para o ambiente local a partir da oficina de Educação Ambiental de fotodiagnóstico (NASCIMENTO, 2018). Tem-se como resultado a percepção ambiental dos participantes do grupo.

Justo (2003) afirma que oficina de fotografia promove oportunidade de diálogos e escuta, sendo um facilitador de interação do grupo participante, e, além disso, promove novo olhar sobre as imagens geradas.

Discursos oriundos do diálogo dos participantes denotam a importância do manguezal e a percepção de impactos negativos de cunho ambiental nos manguezais, na percepção ambiental dos adolescentes que interagem como ecossistema de manguezal em seu cotidiano. Apresenta-se também a opinião dos mesmos após a sensibilização ambiental através da fotografia.

- A importância do mangue para os participantes:

*Sim. Porque a gente precisa muito do mangue (P1).*

*Sim. Porque sem o mangue a gente não vive, no mangue a gente pega caranguejo, caju essas coisas (P7).*

*O manguezal é muito importante, é o patrimônio da comunidade (P10).*

Embora reconheçam a importância do ecossistema de manguezal, os jovens identificam impactos negativos sobre o ambiente:

*Algumas pessoas têm preguiça de colocar o lixo no saco e amarrar, esperando a caçamba do lixo passar na rua e jogam o lixo no mangue (P6).*

*Ainda tem moradores que joga fezes dentro do mangue (P5).*

- Fala após a sensibilização

*Sim. Desde concurso de fotografia, a gente foi vendo que tinha que mudar a nossa atitude e modo de vida do mangue.*

Ações que propiciem o falar sobre as questões ambientais e que conduzam a reflexão, levou o grupo a diagnosticar a situação do ecossistema manguezal do seu distrito, o que caracteriza importante método para pensar comportamentos e atitudes diante dos recursos naturais.

Junto à colônia de pescadores de Arembepe, o etnoconhecimento ou conhecimento tradicional, identificado durante análise das entrevistas semiestruturadas, apresenta-se o saber específico e tradicional acerca do ambiente marinho costeiro e sobre a fauna aquática. Trata-se de conhecimento especializado

e domínio a respeito de métodos que garantam o desenvolvimento da pesca. Para tal conhecem o comportamento alimentar do pescado, identificam os peixes e mariscos comumente pescados no verão, no inverno e sabem quando, onde e como capturá-los. Conforme P12 e M6:

*O vermelho assasupema é o vermelho verdadeiro. Fica muito fundo (300m) (P12).*

*Traíra e camarão gostam de ficar no lodo (M6).*

Corroborando com Freitas et. al. (2018), explica que aproximar-se de comunidades pesqueiras é perceptível o etnoconhecimento ictiológico, ao notar que os pescadores entrevistados detém o saber ecológico acerca dos recursos pesqueiros locais. Costa Neto (2001), em estudo desenvolvido afirma que pescadores e marisqueiras locais, sabem por meio da prática empírica com o meio ambiente e das observações sobre comportamento animal, conhecimento etnobiológicos e etnoecológicos (hábito do peixe, onde e como pescar) e qual técnica de pesca e a mais eficiente, durante pesquisa junto à comunidade pesqueira de Siribinha, situada no Litoral Norte do Estado da Bahia e pertencente ao município de Conde-Ba.

A especialização de tais saberes é constatada, devido interação, prática do homem-pescador e marisqueira como o ambiente natural, resultado do aprendizado diário sobre o meio ambiente local. Comumente sem registro em linguagem escrita, esses saberes correm risco de desaparecer (HANAZAKI, 2006). Tais conhecimentos são relevantes para a percepção de impactos negativos, já que o pescador e a marisqueira são especialistas do ecossistema no qual interagem. O reconhecimento e valorização de comunidades tradicionais, bem como do conhecimento tradicional e do científico, são saberes fundamentais para fomentar planos de gestão para conservação da natureza.

Como a cultura se faz presente na tradição da pesca, Ramires, Molina, Hanazaki (2007) reitera que comunidades locais acumulam conhecimentos vastos sobre o ecossistema aquático possibilitando o sucesso na pesca, além fazer parte de traços culturais.

Para tanto, foi identificado o Grupo Cultural Paparutas, na Ilha do Paty-Ba formado por marisqueiras, além do histórico das relações que estabelecem com o ecossistema desde a infância, trazem suas reflexões sobre o manguezal, a tradição e a preocupação com qualidade do ambiente de onde retiram o sustento:

*Eu sou marisqueira há muitos anos. Logo quando eu comecei, ia mais minha mãe, né, lá na Ilha das Fontes, a gente ia lá pro Furado, ia pra costa. Pro Furado, ia tirar ostra; na costa, a gente ia tirar sambá, panhar tapuia e, depois de muitos anos, a gente veio embora pra cá aí eu continuei aqui mariscando, tirando ostra, sururu, sambá, siri, rala-coco, essas coisas. [...] O marisco que a gente vende um preço melhor é o que o siri, é o sambá, rala-coco que, assim, quando tem, a gente vende por um precinho mais alevado e a ostra que é a menos valor que o povo não dá muito valor à ostra. O manguezal deve ser cuidado somos por nós mesmos, né, que, se a gente tiver cuidado com ele, vai ter sustento a vida toda (E.S.S., marisqueira paparuta).*

*O manguezal, pra mim, é muito importante porque hoje é o sustento da nossa comunidade, é o manguezal porque se não tivesse o mangue aí a gente tava numa situação bem difícil. [...] Ele é nosso sustento, não só pra se alimentar, mas como também pra comercializar, porque nós temos que pagar água, pagar luz, tem outras coisas que nós temos que comprar gás. Tudo a gente tira do mangue. [...] Rapaz, eu acho que quem deve conservar o manguezal principalmente os pescadores e marisqueiras que tiram seu sustento dali. [...] Por incrível que pareça, aqui na comunidade a maioria das pessoas têm consciência, porque não vou negar que tem a época que algumas pessoas não pode pegar, que pega, é quando tá o caranguejo andando, mas, às vezes, a gente fala e o pessoal, alguns obedece, né. [...] O mangue daqui mudou um pouco, sim, que antigamente tinha mais marisco, hoje tem menos e também a nossa preocupação é que, de vez em quando, aparece um vazamento e o óleo que vem de lá de Madre de Deus, às vezes, atinge o manguezal aqui, e também o lixo que a maré traz, mas tem também algumas pessoas daqui ainda joga lixo no fundo da casa, e se mistura na água quando a maré enche (V. S. A., marisqueira paparuta).*

*Minha família sempre mariscou, né, que minha mãe tirava mariscava muito, panhava muito siri de mangue, metia mão no buraco do siri. Saía assim com nada, só com um saco, quando voltava já era cheio de siri e lambreta também, era o forte dela também panhava muita lambreta. E eu, desde pequena, né, que eu marisco, já faxiava também, de noite panhava baiacu, né, e hoje em dia é minha lida aí é nessa aí todo dia. Eu pego ostra, eu pego sururu, eu pego sambá, rala-coco, befum, todos esses marisco aí eu pego. Nós devemos cuidar que é daqui, que a gente tira o nosso sustento (A. R., marisqueira paparuta).*

Na relação direta com a atividade de mariscagem, as mulheres que compõem o Grupo Cultural Paparutas, vão além dos passos comumente realizados por outras marisqueiras. Para além de coletar, consumir e comercializar, elas utilizam os frutos do mar de forma diferenciada em suas apresentações culturais. O manguezal é representado sobre as cabeças com elementos da alimentação capturados no manguezal, traduz-se a luta diária pela sobrevivência nessa simbologia que envolve o canto e a dança das Paparutas. (PAIXÃO, 2018)

Através lúdico da música, da dança, das cores e dos sabores dos alimentos preparados, o Grupo Paparutas chama atenção, de forma sutil, para uma questão ambiental das mais sérias: a importância de se manter a qualidade dos mariscos que envolvem a vida dessas mulheres desde sempre, pois elas se alimentavam dos mariscos na infância, bem como alimentava seus filhos e comercializavam o produto da mariscagem na atualidade. Revelando questões sociais e ambientais relevantes (PAIXÃO, 2018).

É o elemento natural que garante a sobrevivência socioeconômica. E ambos precisam coexistir o mais equilibradamente possível. Para Diegues (2000, p. 21), “além de ser um espaço de garantia de sobrevivência e de estabelecimento das relações sociais, o território é também o espaço das representações e do imaginário mitológico dessas sociedades tradicionais”.

#### **4. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

À reunião de aporte distinto e singular de cada comunidade estudada, reitera as contribuições que populações tradicionais podem através de suas atividades cotidianas disseminarem saberes, percepções e cultura. Comunidades pesqueiras e tradicionais auxiliam significativamente para a conservação de ambientes naturais, associados a processos sistematizados de educação ambiental, partindo das bases empíricas da relação homem e mulher tradicional com a natureza. Portanto, considera-se que a aproximação de saberes característicos de comunidades pesqueiras do estado da Bahia, embora pertencentes a espaços geográficos diferentes, revelam que estudos em comunidades tradicionais são um espaço de concepção que agrega a transmissão de saberes diversos, dos que interagem com o ecossistema marinho costeiro, dos mestres e mestras do saber empírico, das

incontáveis comunidades tradicionais e populares mundo afora, o que foi perceptível nesta tentativa de diálogo que deve ser continuado.

## REFERÊNCIAS

- ANDREOLI, V.M. Diálogos entre os conhecimentos tradicionais e as práticas conservacionistas da natureza: uma possível abordagem. **Sociologia e Política**. UFPR, 2009.
- CORREIA, M. D.; SOVIERZOSKI, H.H. Ecosistemas marinhos: recifes, praias e manguezais. EDUFAL, 2005.
- COSTA NETO. E.M. A Cultura pesqueira do litoral norte da Bahia: Etnoictiologia, Desenvolvimento e Sustentabilidade. Maceió: Edufal, 2001.
- DIEGUES, A. C.. Comunidades tradicionais e manejo dos recursos naturais da mata atlântica. São Paulo: Hucitec Nupaub, 2004.
- DIEGUES. A. C. (org). Os Saberes Tradicionais e a Biodiversidade no Brasil. NUPAUB; PROBIO-MMA. São Paulo, 2000.
- FREITAS, A.C.; CARDOSO, I.S.; JOÃO, M.C.A.; KRIEGLER, N.; PINHEIRO, M.A.A. Lendas, misticismo e credences populares sobre manguezais, In: PINHEIRO, M.A.A.; TALAMONI, A.C.B. (Org.). Educação Ambiental sobre Manguezais. São Vicente: UNESP, Instituto de Biociências, Campus do Litoral Paulista, 2018.
- FREITAS, F.R et al. O conhecimento ictiológico tradicional e prevenção à saúde dos pescadores do município de Paranaguá – Paraná. **UNISANTA Bioscience** Vol. 7 nº 3 (2018) p. 274-285.
- HANAZAKI, N. Etnoecologia, etnobiologia e as interfaces entre o conhecimento científico e o conhecimento local. IN: Reunião Anual da SBPC, n58, 2006, Florianópolis. Anais da Reunião Anual da SBPC, jul 2006.
- INEMA: Instituto do meio ambiente e recursos hídricos. APA Rio Capivara. Disponível em: <http://www.inema.ba.gov.br/gestao-2/unidades-de-conservacao/apa/apa-rio-capivara/>, acesso em 03 jul 2019.
- JUSTO, C. S. S.. Os meninos fotógrafos e os educadores: viver na rua e no Projeto Casa. São Paulo: UNESP, 2003.
- LEFF, E. Complexidade, interdisciplinaridade e saber ambiental. In: PHILIPPI, Jr. (Ed) **Interdisciplinaridade em Ciências Ambientais**, São Paulo, Editora Signus, 2000, p. 20-48.
- PAIXÃO, A. S.; MARCHI, C. M. D. F.; SANTOS, E. H. dos. Ritual de dança e gastronomia como viés de educação ambiental numa comunidade negra do município de São Francisco do Conde-Bahia-Brasil. **Ambientalmente Sustentável**, ano XII, v. I, n. 23-24, p. 337-347, jan./dez. 2017.
- PAIXÃO, A. S. Conservação do manguezal no ritual das marisqueiras Paparutas. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Planejamento Ambiental) - Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2018.



RAMIRES, M.; MOLINA, S. M. G.; HANAZAKI, N. Etnoecologia caiçara: o conhecimento dos pescadores artesanais sobre aspectos ecológicos da pesca. Revista Biotemas. p.101-103, 20 (1), março, 2007.

SANTOS, M. C. Jaguaripe: a primeira vila do Recôncavo – Bahia – Brasil. Disponível em:. Acesso em: 25 maio 2016.

SILVA-MENENES, F.V.C. Conhecimento local e percepção ambiental de pescadores artesanais: uma estratégia de educação ambiental. 2018. Dissertação (Mestrado Profissional em Planejamento Ambiental) - Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2018.

NASCIMENTO, M.C.P. Fotodiagnóstico como ferramenta de educação ambiental para sensibilização sobre impactos dos resíduos sólidos no ecossistema de manguezal.2018 Dissertação (Mestrado Profissional em Planejamento Ambiental) - Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2018.